

da significação do que sonhou, insistindo muita vez que não estava sonhando.

Recentemente, um médico enviou-me a seguinte história: "Na manhã de 18 de novembro de 1945 o Sr. W. foi acordado pelos soluços da mulher que dizia: 'Jack morreu!' Era o filho mais velho do casal, soldado, que devia voltar da área do Pacífico. Não foi possível ao Sr. W. acalmá-la, tendo chamado um médico que lhe deu um sedativo. Cinco dias depois, a 23 de novembro, reproduziu-se o mesmo fato; veio novamente o médico, mas desta vez a Sra. W. estava tão transformada que a levaram para um hospital a fim de submeter-se a exame psiquiátrico. Não havia qualquer motivo para esperar más notícias a respeito de Jack. A guerra terminara. Contudo, na tarde do dia 23 chegou um telegrama anunciando que ao voltar o rapaz tinha morrido em um desastre de avião em Havaí a 17 de novembro. Depois da experiência por que passou na manhã do dia 18, a Sra. W. não vacilou um momento quanto à convicção de que o filho estava morto."

Estudo extenso de casos desta natureza poderia vir grandemente em auxílio das nossas pesquisas. Precisamos saber de todos os casos comparáveis por causa dos indícios que podem fornecer. Talvez seja valiosa a indicação de ocorrerem tantas experiências psi das mais fortes durante o sono ou de estado que dêle se aproxime. Será mais fácil então lograr os processos conscientes que ocupam normalmente o centro do palco mental. Pode ser que baixe o limiar da introspecção. Com certeza, seremos menos críticos. Mui provavelmente será possível conseguir valioso auxílio em relação a este problema por parte dos psicanalistas que têm sido pioneiros na análise de sonhos. Muitos têm manifestado interesse por ESP, especialmente nas ocorrências espontâneas.

Veza por outra, nas experiências de ESP uma pessoa refere uma centelha de convicção relativamente à correção de uma resposta, exprimindo tal certeza emocional que não deixa dúvida sobre a ocorrência de vislumbre introspectivo excepcional. Por exemplo, um indivíduo estava uma vez tomando parte em uma experiência de clarividência, na qual um colega e eu estávamos manuseando o baralho de cartas ESP a uns vinte pés atrás dêle. De repente elevou a voz e disse: "Estrêla! As três seguintes são estrêlas!" Eram mesmo; e a exci-

tação emocional evidente da pessoa ante a certeza inexplicável nos conveceu ser estranha a experiência. Mas não se repetiu. E mui poucas observações semelhantes encontramos nas experimentações.

Apesar disso, essas poucas respostas excepcionais em experiências, juntamente com as experiências espontâneas indicam ter-se verificado muitas vezes a invasão de ESP na consciência e aquilo de que se precisa é um meio de conservar aberta por períodos mais longos esta janela introspectiva bruxuleante.

Os experimentadores precisam concentrar-se no problema do contróle consciente. É estratégico. Se fôsse possível conseguir a realização de certo número de linhas paralelas de investigação que convergissem sobre o problema, poderíamos esperar acuá-lo em ordem razoavelmente curta. Um desses projetos nos conduziria ao estudo de certos estados de espírito particulares provocados por sugestão, por drogas, ou por disciplina mental de vários tipos, em busca de maneira que permitisse baixar o limiar de sorte a ser mais fácil à psi cruzá-lo.

Relativamente a esta questão, encontram-se muitas linhas sugestivas dignas de exame. Por exemplo, o curandeiro ou feiticeiro como Solomon Daba poderá ter algo a nos ensinar. Conforme disse, os observadores dispensam confiança excepcional a alguns desses profissionais iletrados. O antropólogo inglês Geoffrey Gorer cita no livro *Africa Dances* informações minuciosas fidedignas que lhe foram fornecidas por ocasião de uma visita que êle juntamente com um companheiro por nome Benga fez a feiticeiros naturais da costa ocidental da África:

"Nosso patrono e intérprete estava com o feiticeiro. Depois de algum tempo saiu e disse-me: "O Sr. vive em uma casa branca em uma montanha, cercada de árvores; sua mãe e dois irmãos estão passeando à sombra das árvores"; descrição mui apropriada da minha casa e da família; e era muito provável que a 25 de junho estivessem passeando à tarde pelo jardim. Depois voltou-se para Benga e disse: "o Sr. não tem casa. No que considera como sua casa há muita gente. Suas duas irmãs estão bem mas o seu padrasto adoeceu há dois dias; vai sarar, contudo, antes que volte a vê-lo." Era